

UMA RESENHA DO LIVRO *KEEP IT SIMPLE MAKE IT FAST: AN APPROACH TO UNDERGROUND MUSIC SCENES (VOL. 4)*

A REVIEW OF THE BOOK *KEEP IT SIMPLE MAKE IT FAST: AN APPROACH TO UNDERGROUND MUSIC SCENES (VOL. 4)*

UNE CRITIQUE DU LIVRE *KEEP IT SIMPLE MAKE IT FAST: UNE APPROCHE DES SCÈNES MUSICALES UNDERGROUND (VOL. 4)*

UNA RESEÑA DEL LIBRO *KEEP IT SIMPLE MAKE IT FAST: UN ACERCAMIENTO A LAS ESCENAS DE MÚSICA UNDERGROUND (VOL. 4)*

Jonas Pilz

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil



Figura 1: Capa do livro *Keep it simple make it fast: An approach to underground music scenes (Vol. 4)*

Fonte: <https://www.kismifconference.com/pt>

Os 55 artigos de *Keep it simple make it fast: An approach to underground music scenes (Vol. 4)*, localizados em 11 seções, representam a pluralidade de apresentações, conversas, propostas, produções, criações e intervenções do congresso KISMIF em 2018. Ainda assim, a delimitação do próprio evento, *Gender, differences, identities and DIY cultures*, é uma tônica que perpassa e enlaça as ramificações presentes no material. Organizado desde 2014, o KISMIF caracteriza-se pela reunião de debates e performances em torno do *underground*, das subculturas, da arte, da intervenção urbana — a ponto de o evento *tomar* a cidade do Porto para além das paredes onde é realizado — e da cultura DIY. São justamente estas manifestações de resistência, de atividade e de ativismo em torno do reacionário e dos sistemas de opressão os principais pontos de análise distribuídos ao longo da leitura.

De antemão, percebe-se já no sumário que os textos vão além da *substância musical* presente no título, explorando outras abordagens artísticas, midiáticas, históricas e sociais. Ademais, a trajetória de pesquisas dos editores, Paula Guerra⁷⁷ — organizadora e idealizadora do KISMIF — e Thiago Pereira Alberto⁷⁸, situados na música e em seus diversos atravessamentos (como cultura, subculturas e cultura *pop*, entre outros interesses), concatena com as principais questões e enunciados dos artigos selecionados. A riqueza da compilação reside sobretudo na vastidão de reunir as investigações de pesquisadoras e pesquisadores, *corpus* e objetos, espalhados por diferentes regiões, países e continentes, demonstrando *atualizações outras* nas perspectivas sobre gênero e *do-it-yourself*. Nesse sentido, atores, culturas contemporâneas ou não, contextos socioeconômicos, de maneira geral, oferecem visões diversas, e às vezes divergentes, tensionando lugares-comum e *zonas de conforto teórico-empíricas*. As próprias subseções do livro convidam a não intencional qualquer olhar de concisão para a obra, uma vez que isto deixaria de lado as especificidades que enriquecem o seu conteúdo.

Assim, na primeira seção, *I CAN CHANGE THE WORLD': PUNK, HISTORY AND CONTEMPORARY READINGS*, a subcultura *punk* e o subgênero musical *punk rock*, espalhados por diferentes países e continentes, são tensionados em suas cenas locais, objetos globais, *corpus* de imigrantes, sobretudo a partir de horizontes traçados por Cohen (1991), Bennet (2004) e Bennet e Guerra (2019). Aqui, a discussão sobre gênero é pensada *a)* na própria noção de capital subcultural de Thornton (1995), formulada através de Bordieu, e *b)* na invisibilidade de construtos que tensionam ou reafirmam práxis, locais e dinâmicas.

Já no segundo capítulo, *(R)EVOLUTION IN STYLE NOW!: GENDER, SCENES AND DIY CULTURES*, aglutinam-se *re/des/construções* de gênero, linguagem e identidade. Tendo como foco a arte, na sua subversão de estereótipos (tanto de gênero quanto de outrem), também alinha cenas distintas de gêneros musicais e práticas econômicas alternativas, conversando diretamente com a seção seguinte, *'ASK THE ANGELS': DIY CULTURES, UNDERGROUND MUSIC SCENES AND ALTERNATIVE LIFESTYLE*. Neste, culturas DIY são colocadas em perspectiva do seu potencial enquanto formas de aprendizado, viabilidade econômico-artística, atravessadas pelas redes sociotécnicas, mas também de reafirmação de estereótipos e de (co)existências menos desiguais de gênero e classe.

⁷⁷ Professora da Universidade do Porto - Faculdade de Letras. Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), doutorada em Sociologia pela Universidade do Porto.

⁷⁸ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e Universidade do Porto - Faculdade de Letras. Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade de Minas Gerais.

Nesse sentido, englobam estratégias por visibilidade de artistas; perspectivas estéticas e políticas circunscritas no DIY; misoginia e ética feminista no *punk*; além de propostas de quebras hierárquicas através de fanzines.

Na quarta secção, *TRIBULATIONS AND MOVEMENTS: HYBRIDITY AND DIFFERENCES IN POSTCOLONIAL ARTISTIC AND MUSICAL SCENES*, cenas musicais, territórios e não-lugares, tomando a proposta de Marc Augé (2013) são acionados a partir de perspectiva histórica de cidades e países (como a abertura política brasileira pós-período ditatorial) e a influência da subcultura *punk* em artistas de *rock*; além de proposta *des-post-colonialista* na noção anglófona de *cena musical* — do canadense Will Straw (1991). A prerrogativa decolonialista, ou pós-colonialista, ainda que nem sempre apareça como embasamento teórico, é outro laço que perpassa e flutua sobre os textos.

Uma análise pelo sumário, que na leitura fluída dos artigos é passível de não ser percebida, é que alguns artigos podem (ou até mesmo poderiam/deveriam) ser deslocados ou reagrupados em outros núcleos. É nítido, não é tarefa fácil regimentá-los em secções extremamente precisas; e a opção por agrupar em determinados pontos ou núcleos não requer justificativas no sentido de *por que não em outros?*. Apenas destaca-se esta inquietação por um certo *vai-e-vém temático* que surge em alguns momentos de leitura linear. Assim, em *'HIGHLY INFLAMMABLE'. ETHNICITY, CITIES, MIGRATIONS AND POLITICAL MOBILIZATION'*, novamente surgem questões migratórias, os espaços urbanos ou territoriais, as nuances identitárias e modulações de resistência. Nesse sentido, emergem as lutas por direitos adquiridos (ou readquiridos, ainda que com a chancela de governos pós-coloniais) dos povos originários na Amazônia brasileira e práticas de resistência étnica; a produção musical de imigrantes turcos-alemães, hibridizando elementos semióticos geracionais e culturais distintos; além do nacionalismo, patriotismo, fronteiras e mudanças em produção cultural, alinhando materialidades e hermenêutica.

O sexto capítulo *'IN THE BEGINNING THERE WAS HEART': LIMINALITY AND UBIQUITY OF CONTEMPORARY ARTISTIC CREATIONS* aloca olhares para a manutenção e ressignificação de construtos de gênero, nas potencialidades dos *emojis*, enquanto metalinguagem — amparada em Barthes (2006; 2013) —; nas visões ocidentais pautadas por religião, assim como as mudanças nas hegemonias artísticas; os *acessos* de artistas/criadores tomando o lugar de produtores/gerenciadores — em debate apropriado também ao campo da comunicação, como a virada do *gatekeeping* nos idos da década de 2000 — e o alicerce da cultura DIY neste paradigma. *'MAN NEXT DOOR'. QUEER STUDIES AND IDENTITIES RECONSTRUCTIONS*, a sétima parte, pode ser ramificada em duas: a articulação sobre personas artístico-musicais, as práticas culturais de *zines*, *games* e *punk queer*. Das abordagens construídas para analisar a dialética de Madonna, surgem suas ambiguidades, continuidades e rupturas, como uma arquétipa da cultura contemporânea, em evidência, contraditória e formadora de tendências e tensões. Já a disputa da *visibilidade*, em particular nos sites de redes sociais, é o olhar para Amanda Palmer e suas estratégias de autoapresentação e negociação de capital social através da exposição da sua intimidade; bem como Anitta, notória catalisadora de debates sobre sua performance (entendida em sentido amplo) nas redes digitais brasileiras. No que tange o espaço de práticas culturais, esta secção também elucida atravessamentos e usos do DIY, da teoria *queer* e do *punk* como *práticas de combate* artístico.

O oitavo capítulo, *MIRRORS AND GLASSES: FASHION, GENDER AND ARTISTIC UNDERGROUND CULTURES*, aproxima moda, arte e a produção e representação de mulheres. Aqui, as perspectivas apontam para as potencialidades políticas não só da moda, mas do corpo, as *temporalidades*, na fluidez, de gênero e identidade sexual; do *bom gosto*, das hierarquias de classe e gênero, da tradição e das rupturas. *'YOURS IS MINE'. MALE DOMINATIONS: REPRODUCTIONS AND LEGITIMATIONS* apresenta esta *dominação*, que consta no título, tanto a partir de perspectivas da produção e consumo masculino (ou *masculinizado*) quanto das resistências de gênero na música. A capilaridade de discussões abrange a misoginia, a homofobia e os *papéis de gênero* — construídos, estabelecidos e delegados midiaticamente. As perspectivas atravessam o gangsta *rap* estadunidense e a hipermasculinidade; a problematização das cenas de *punk*, também perpetuantes dos sistemas de opressão que balizam suas críticas; além de questões de gênero que afloram enquanto estratégia mercadológica no *funk* carioca/brasileiro.

Na penúltima temática *'CONTAMINATIONAL DEMO(N)CRATS'. FOR A NEW PRACTICE OF (DIVERSE) TASTE*, arte e ativismo se cruzam em olhares sobre festivais *punk* feministas, como fóruns e redes de debates; exposições de arte na emergência da *aids* e sua vinculação nociva e datada com *LGBT*; olhares contemporâneos para a *Odisseia* de Homero, na relação patriarcal imposta à *Penélope*; além da transgressão e resistência em identidades contraculturais. Concluindo o livro, *'LIVING FOR A CHANGE'. CITIES, SPACES, PLACES OF ARTISTIC RENEGOTIATION* também retoma as temáticas da espacialidade, do nomadismo — aqui especificamente a partir de Deleuze e Guattari (1995) — da globalização e dos hibridismos.

A leitura da obra é convidativa a dois principais exercícios: onde estas pesquisas convergem ou divergem e o que oferecem para pensarmos gênero, cultura *DIY*, manifestações culturais e artísticas; até onde nos permitem formular linhas de pensamento. O que a seleção de textos dá a ver é não uma celebração da cultura *do-it-yourself*, ou qualquer outro tipo de tributo, mas problematizações, invisibilidades no que toca gênero, identidade, raça e classe; rupturas e continuidades, na emergência de novos atores, contextos, reconfigurações e ressignificações. Ou seja, as perspectivas, mesmo as históricas e biográficas, não *glamourizam* o imaginário de resistência; ao contrário, questionam representatividade, visibilidade e equidade em diferentes tangenciamentos. A coletânea também propõe reflexões sobre atravessamentos, usos e apropriações com a cultura digital, redes socio-técnicas e a reprodução de hegemonias no *underground*. Elucida e conecta pontos (ou redes) que nem sempre são tidas como dados. Portanto, tem o mérito de, em certa maneira, trazer ao leitor um vislumbre do *Kismif* e seus interesses de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, Marc (2013). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- Barthes, Roland (2006). *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix.
- Barthes, Roland (2013). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel.
- Bennet, Andy (2004). Consolidating the music scenes perspective. *Poetics*, 32(3–4), pp. 223–234.
- Bennett, Andy & Guerra, Paula (Eds.) (2019). *DIY Cultures and Underground Music Scenes*. Abingdon/Oxford: Routledge.
- Cohen, Sarah. (1991) *Rock culture in Liverpool: Popular Music in the Making*. Oxford: Oxford University Press, UK.
- Deleuze, Gilles, Guattari, Félix (1995). *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia, vol.2*. São Paulo: Editora 34.
- Guerra, Paula & Pereira Alberto, Thiago (Eds.) (2019). *Keep it simple make it fast: An approach to underground music scenes, vol. 4*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- Thornton, Sarah (1995). *Club cultures. Music, media and subcultural capital*. Cambridge: Polity Press.

Straw, Will (1991). System of articulation, logics of change: scenes and communication in popular music. *Cultural Studies*, 5 (3), pp. 368-388.

Jonas Pilz. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n. Bloco A, 4o andar, São Domingos - Niterói / RJ CEP: 24210-201. E-mail: jonaspilz@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7896-5676.

Receção: 21-10-2019

Aprovação: 03-12-2019

Citação:

Pilz, Jonas (2019). Uma resenha do livro 'Keep it simple make it fast: An approach to underground music scenes'. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 2(2), pp. 109-113. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/ta2n2rec1